

Sarney adverte: PDS não tolerará

FORTALEZA (O GLOBO) — O presidente do PDS, senador Jose Sarney, disse ontem que "o partido não vai mais tolerar dissidências internas".

— Aqueles que não observarem este aviso que arquem com as conseqüências. Estamos dispostos a manter a unidade partidária a qualquer custo — acrescentou Sarney.

MASSA DE MANOBRA

Depois de uma longa conversa com as principais lideranças do PDS no Ceará, afirmou o senador José Sarney:

— Não podemos transigir nesta fase difícil da vida partidária, que é a de im-

plantação de nossa estrutura. Dai advertimos que não toleraremos movimentos que nos levem a funcionar como massa de manobra das oposições, com o objetivo de combater o próprio Governo. A unidade de nossas forças é indispensável para que tenhamos condições de ser um partido forte e prestigiado. Não aceitaremos aqueles que se mostrem desajustados, dando margem a que sejamos acusados de imobilismo a inoperância.

POSIÇÕES PESSOAIS

O presidente do PDS criticou aqueles que, "tendo voz e voto nos organismos de decisão do partido assumam a sua tutela em benefício de posições pessoais". Ob-

servou ainda que as questões devem ser canalizadas "para dentro e não para fora do PDS".

— A direção partidária está concedendo absoluta autonomia às lideranças locais, para que divirjam, discutam e componham. Mas proíbem as dissidências. Esta decisão tem o endosso do Presidente da República, que quer o PDS forte e autônomo.

Frisou Sarney que "o PDS é livre e democrático, aceita a divergência, mas não cruzará os braços enquanto, pela ação dos que promovem divisões por interesses pessoais, o partido for acusado de imobilismo".

Três grupos em disputa no Ceará

O presidente do PDS, senador José Sarney, encontrou no Ceará uma situação de "pé-de-guerra" nos bastidores situacionista, em função da disputa pelo poder entre os três grupos locais, liderados pelo governador Virgílio Távora, pelo ministro das Minas e Energia, Cesar Cals, e pelo ex-governador Adauto Bezerra.

Virgílio Távora tenta administrar as divisões dando participação no Governo a cada uma das lideranças, mas na verdade tem sido muito difícil para ele o exercício do comando, porque existe um clima de desconfiança entre os principais líderes.

Távora nega que esteja preocupado com a sucessão, alegando que sua preocupação é com a administração. Assegura que não tem ainda candidato e, na hora de indicar, não escolherá um "nome de bolso". Garante que o processo sucessório será deflagrado no próximo ano, sob seu comando. Para demonstrar tranquilidade quanto à sucessão fala de sua "tolerância" para com as demais facções:

— Nós temos a maioria absoluta na Executiva e no Diretório mas permitimos que todos os grupos tenham participação nesses órgãos. Não tenho candidato ainda, mas sei que já existem nomes na rua. Mantenho-me como mero observador sem apoiar ou vetar qualquer dos cogitados.

DESCONFIANÇA

A despeito da aparente isenção de Virgílio Távora, há um clima de descon-

fiança quanto às negociações que promove. É fato notório, nos meios políticos, que ele trabalha intensamente com vistas a fazer o seu sucessor: tentará eleger o senador José Lins de Albuquerque, mas, se não conseguir, tem uma alternativa, a de "cristianizar" o senador e fazer de Mauro Benevides (PMDB) o seu sucessor, em troca do apoio do oposicionista à candidatura do próprio Távora ao Senado.

Essa possibilidade de acordo tem sido considerada como a maior cartada do governador no jogo político cearense. Sabe-se que ele quer também uma cadeira na Câmara Federal para seu filho Carlos Virgílio. O acordo Virgílio/ Benevides seria feito tranquilamente, pois existe um excelente e antigo relacionamento entre os dois.

ADAUTO BEZERRA

O ex-governador Adauto Bezerra é a maior liderança local, isoladamente, mas sua força diminui na medida em que não dispõe da máquina administrativa. Já se lançou candidato e vem recebendo muitas adesões. Mas seu trabalho tem sido freiado pelo governador, que não quer tratar abertamente de sucessão neste ano.

O deputado Adauto Bezerra teve 117 mil votos nas eleições passadas e tem a seu favor três dos deputados federais mais votados no estado — Marcelo Linhares, Ossian Araripe e Paulo Lustosa. Tem ain-

da grande liderança popular a bases bem estruturadas.

O outro grupo político é o que tem menor densidade eleitoral. O ministro César Cals é o líder, e já tem candidato lançado: seu chefe de gabinete no Ministério das Minas e Energia, Luciano Salgado.

Fala-se também, em termos de sucessão, no ex-presidente da Câmara, Flávio Marcílio, que não teria suficiente peso eleitoral, embora tenha sido o segundo deputado mais votado em Fortaleza. Concnhado do governador Virgílio Távora, Marcílio tenta aparentar uma posição de independência, mas sua candidatura só seria viável com o apoio do governador.

UNIÃO

A vitória do partido situacionista somente ocorrerá com a unidade dos três grupos políticos. Uma conciliação de interesses exigirá extrema habilidade do governador, que jogará como instrumento da pressão a possibilidade de um acordo com o senador Mauro Benevides, poderoso líder popular que se tornaria imbatível com o apoio do grupo virgilista.

O senador José Sarney sentiu dificuldade do quadro político cearense e talvez se tenha inspirado nele para a advertência que fez, ontem, àqueles que insistam em "manter uma posição dissidente". A expectativa é de que seu aviso funcione como catalizador no processo eleitoral.

dissidências

2.º CLICHE